

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
OS MARES DA EUROPA
5 de Maio de 2021

HAVARIE / 2016

Um filme de Phillip Scheffner

Realização, Fotografia, Som e Montagem: Phillip Scheffner /Argumento: Phillip Scheffner e Merle Kröger.

Produção: Pong, em colaboração com ARTE / Cópia: digital, cor, falada em várias línguas com legendagem electrónica em português / Duração: 93 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

Não há mar mais nevrálgico na história da Europa do que o Mediterrâneo, como aliás é reiterado por um dos filmes incluídos neste ciclo, o sublime **Film Socialisme** de Jean-Luc Godard. Esse mesmo Mediterrâneo tem um papel central numa das maiores crises europeias contemporâneas, a chamada “crise dos migrantes”, as vagas de precária imigração clandestina para a Europa, com origem no norte de África – dir-se-á que também é uma crise “não-europeia”, e com certeza, mas é sobretudo tudo um produto de várias crises não-europeias (como a guerra civil síria, entre outras); os efeitos é que se tornaram críticos para a Europa, até pelo aproveitamento político que dela foi extraído, dos países da orla mediterrânica aos países do norte.

Isso, enfim, toda a gente sabe, muito se falou e muito se mostrou do assunto nos últimos anos, sobretudo em imagens televisivas e fotográficas (mas também em alguns filmes, no documentário e na ficção). Tantas foram as imagens de barcos e barquinhos repletos de desgraçados à deriva, e tantas imagens de cadáveres também, que se correu (corre) o risco da insensibilidade, do hábito, da perda de interesse pelo referente da imagem. É nesse panorama que entra o filme de Phillip Scheffner. Em parte, é uma reflexão sobre essa overdose de imagens da crise. Constroi-se inteiramente sobre uma imagem dela, um pequeno filme, captado por um turista a bordo de um navio de cruzeiro pelo Mediterrâneo, que mostra uma embarcação pejada de gente à espera da intervenção dos socorros. Scheffner usa apenas esse filme, mas tira-lhe toda a “naturalidade”; desacelera-o brutalmente, quase ao ponto do “frame by frame”, e fá-la durar a cerca de hora meia que **Havarie** dura. Somos, portanto, obrigados a olhar, e o que na origem podia ser um mero “clip”, pequeno fragmento que se vê durante uns segundos e a seguir passa-se a outra coisa, torna-se aqui toda a matéria, tudo o que há a ver. A pouca qualidade técnica do fragmento original, porventura ampliada pela “tortura” que Scheffner opera sobre o material, impede uma imagem perfeitamente nítida, que casa muito bem com o “super slow motion”: ficamos com figuras fantasmáticas, gestos indefinidos, contornos enevoados – o que é talvez o caminho mais longo e mais paradoxal para que o espectador se volte a aproximar, com interesse e curiosidade, pelos seres humanos retratados na imagem.

E depois, o som. Se a imagem está circunstrita àquele momento preciso, o som como um “portal” para a entrada no fluxo da crise e da resposta a ela. Excertos de comunicações das equipas de vigilância e salvamento, depoimentos de migrantes resgatados (cujas histórias pessoais compõem, por acumulação, um esboço de história colectiva). De certa forma, o enquadramento sonoro do filme olha para o seu enquadramento visual, constroi-lhe um sentido, projecta nele uma história: o grupo de migrantes mostrado pela imagem torna-se, então, *todos os migrantes*, e esta imagem, fragmento da crise, pode conter *toda a crise*.

Luís Miguel Oliveira